

## O sonho de todo artista – Homenagem póstuma –

Pedro Paulo V. A. Azevedo\*

Quem sonha ainda com a volta do irmão do Henfil e com tanta gente que partiu num rabo de foguete?

Cláudio partiu e “*quem parte leva saudades de alguém que fica chorando de dor*”. Partiu num rabo de foguete, tão rápido, tão rápido, que não foi possível ver sua partida, muito menos pressenti-la. O domingo amanheceu cinza, descolorido pela sua ausência, chuvoso pelo pranto daqueles que aprenderam a amá-lo.

Ainda posso ouvir sua voz vibrante e impostada, seu olhar intenso e inquieto, seu sorriso ingênuo e malicioso, sua atmosfera impregnante. Tudo foi tão rápido, afinal, Cláudio sempre tinha pressa, tanta pressa, pois não suportava mais esperar pelas transformações políticas pelo qual o país anseia, pelo bem que nossa gente espera e necessita. Estava literalmente possuído pelo espírito do projeto Fome Zero encarnado no Presidente da República do Brasil. Sabia e sofria com o que sabia, que essa brasileira gente tem fome de cultura, afinal, “*a gente não quer só comida...*”.

Tinha pressa *Dom Rodrigues* por justiça social. Por sobre o cavanhaque negro de um nobre espanhol sua boca bendita e maldita não se calava, queria soprar vida à idade terceira, segunda e primeira. Gritar como um *Hamlet apaixonado* o protesto indignado *contra “o escárnio do tempo, a injustiça do opressor, os insultos do arrogante, a dor do amor desprezado, a morosidade da lei, a insolência das autoridades e o desdém que o mérito da paciência recebe dos indignos...”*.

Não suportou esperar por tantas transformações, irá apaziguar sua pressa deixando essa prisão mortal. Encena com sua morte a morte da morte e, desse modo, deixa a vida. Mas, num paradoxo inexistente porque consistente, **DEIXA VIDA Para Todos e Por Todos** os poros de sua personalidade ímpar, de sua explícita integridade, não apenas no sentido moral, mas no sentido de inteireza, unindo o que tinha de santo e de demônio.

O Núcleo Manifesto de Cultura, núcleo que Cláudio ajudou a fundar, manifesta sua dor, sua perplexidade e, sobretudo sua paixão com a partida de seu secretário diretor. Paixão sofrimento que vê

escapar pelos dedos essa pedra preciosa que cai agora nas profundezas do inalcançável, do indizível, do incompreensível, do mistério. Das origens e dos fins que não sabemos, que não sei.

Mas sei *“que uma dor assim pungente, não há de ser inutilmente a esperança”*. Que o passo dado por Cláudio Rodrigues nessa linha equilibrista, corda bamba que ele melhor do que ninguém sabia que pode machucar, não tenha sido em vão.

Cláudio nos lega a **Esperança equilibrista** que sabe que o show de todo artista tem que continuar!!!

\*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).